

Ana Maria Machado

A grande aventura de Maria Fumaça

Ilustrações SUPPA

global
editora

Ana Maria Machado

A grande aventura de Maria Fumaça

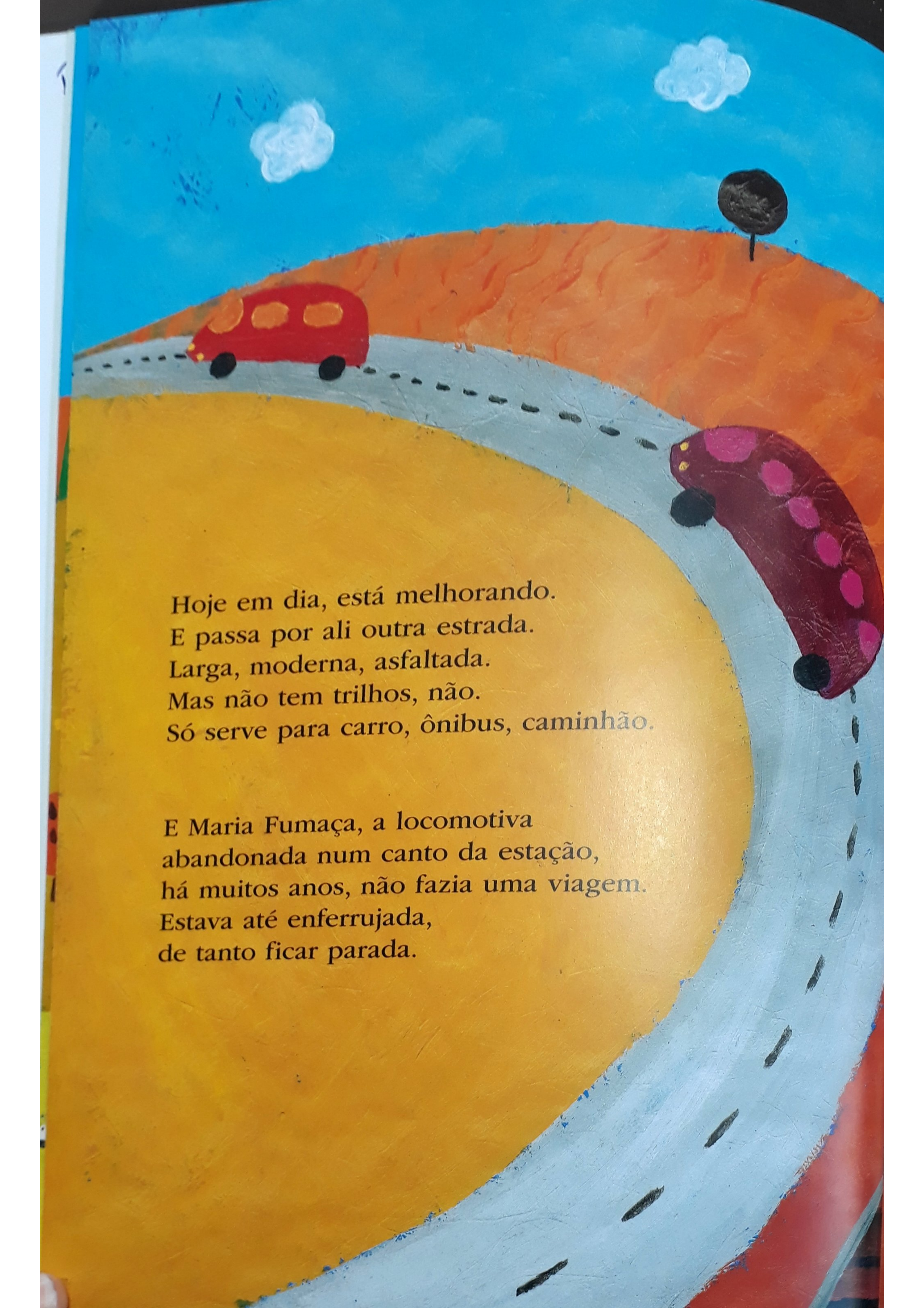


Era uma vez uma cidadezinha no meio
de uns campos, na beira de um rio.
Tinha uma praça, uma escolinha, uma igreja.
E também uma estação de trens. Como uma
porção de cidadezinhas no interior do Brasil.



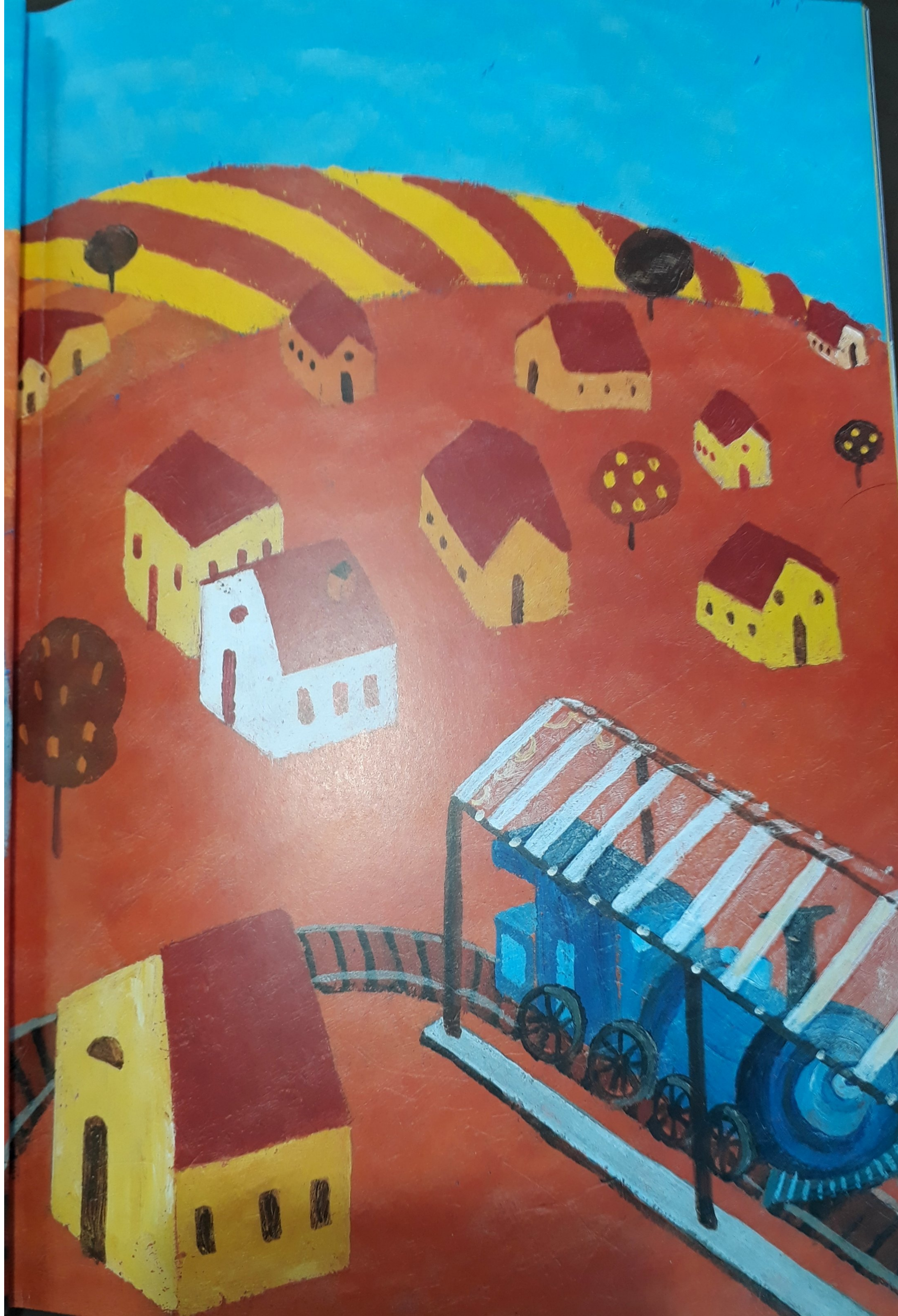
Já tinha sido rica,
com um verdadeiro tesouro.
No tempo antigo, quando por lá havia ouro.
Depois, o ouro acabou. A mina fechou.
A pobreza chegou. E o trem parou.

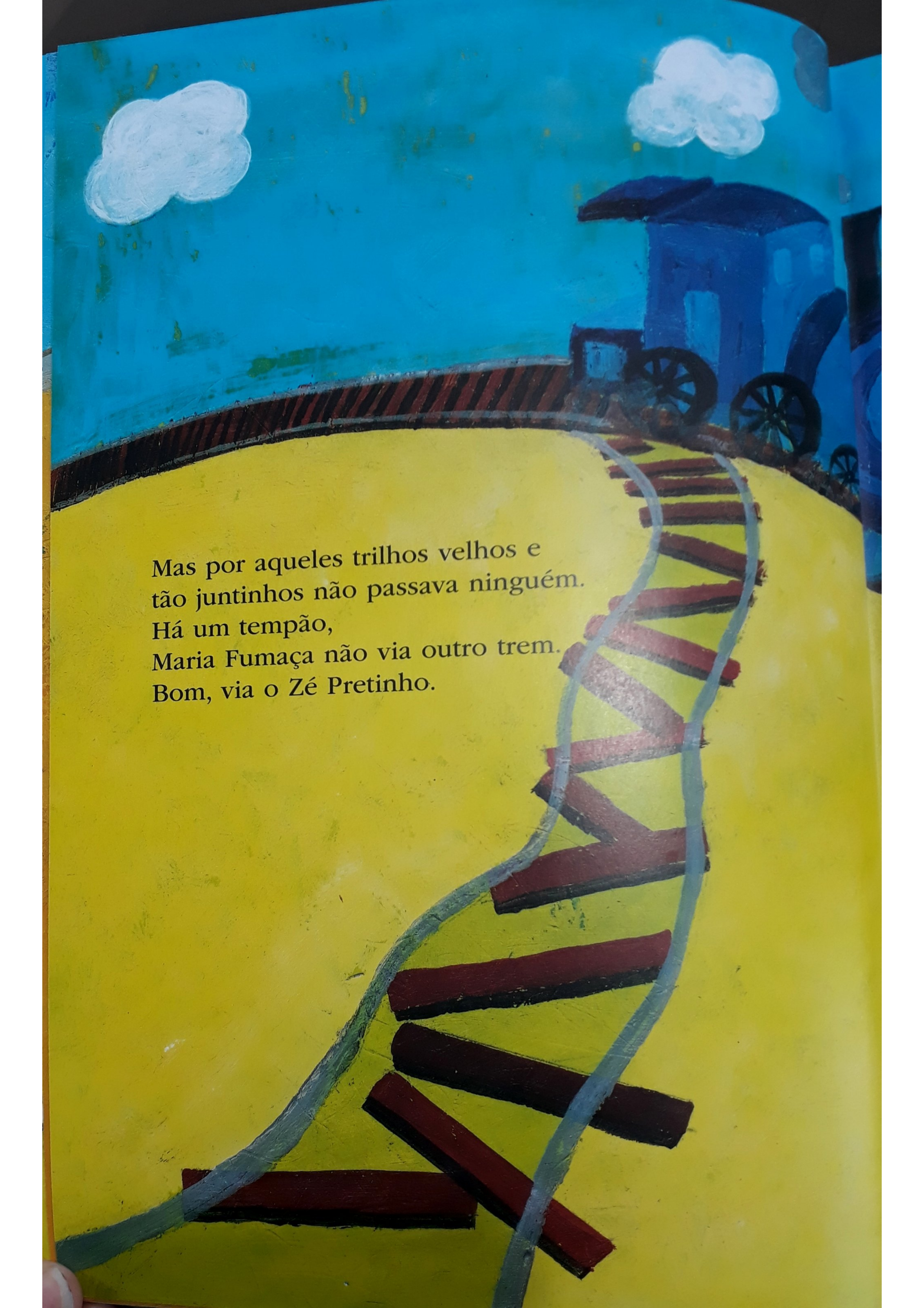




Hoje em dia, está melhorando.
E passa por ali outra estrada.
Larga, moderna, asfaltada.
Mas não tem trilhos, não.
Só serve para carro, ônibus, caminhão.

E Maria Fumaça, a locomotiva
abandonada num canto da estação,
há muitos anos, não fazia uma viagem.
Estava até enferrujada,
de tanto ficar parada.

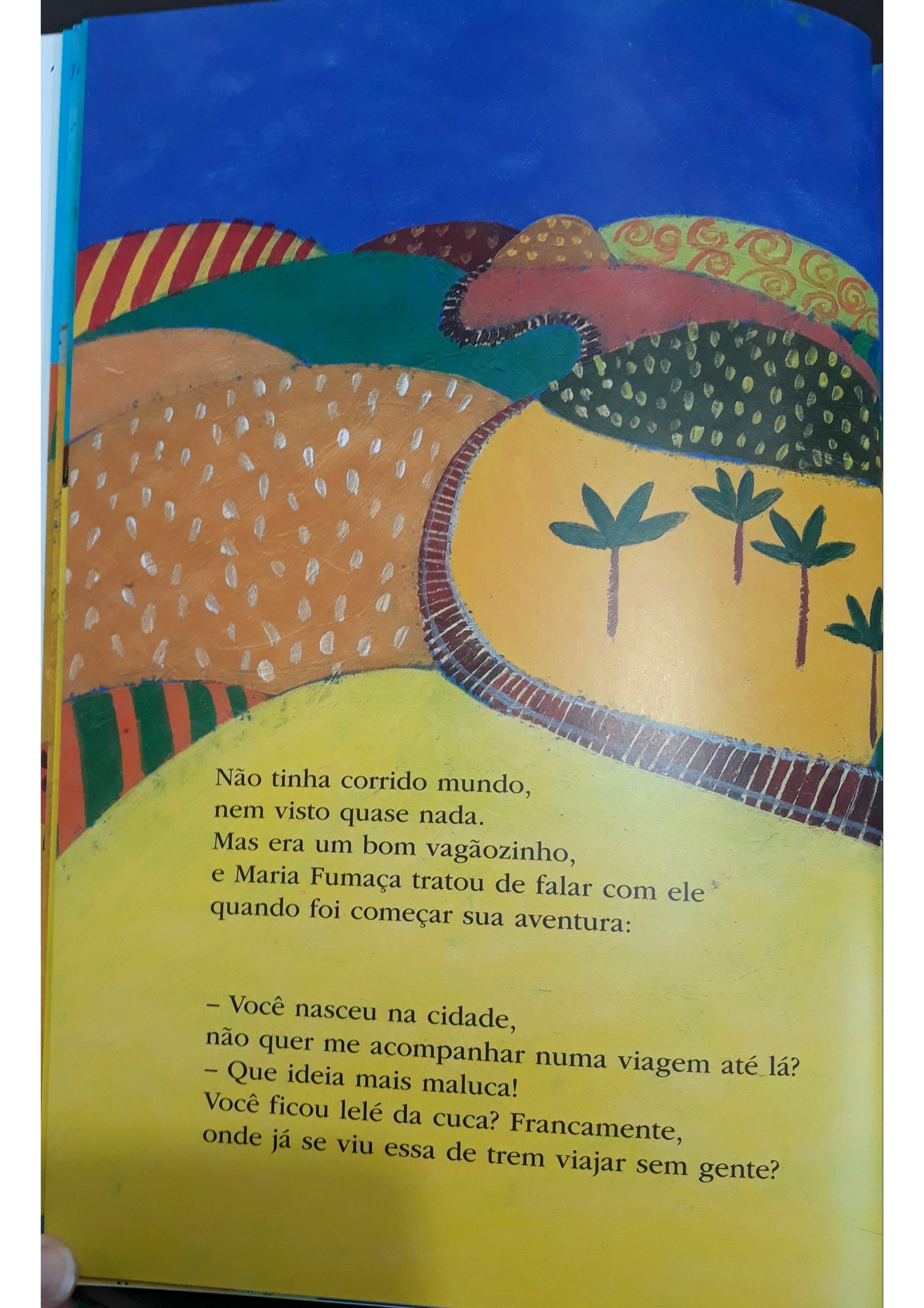




Mas por aqueles trilhos velhos e
tão juntinhos não passava ninguém.
Há um tempão,
Maria Fumaça não via outro trem.
Bom, via o Zé Pretinho.



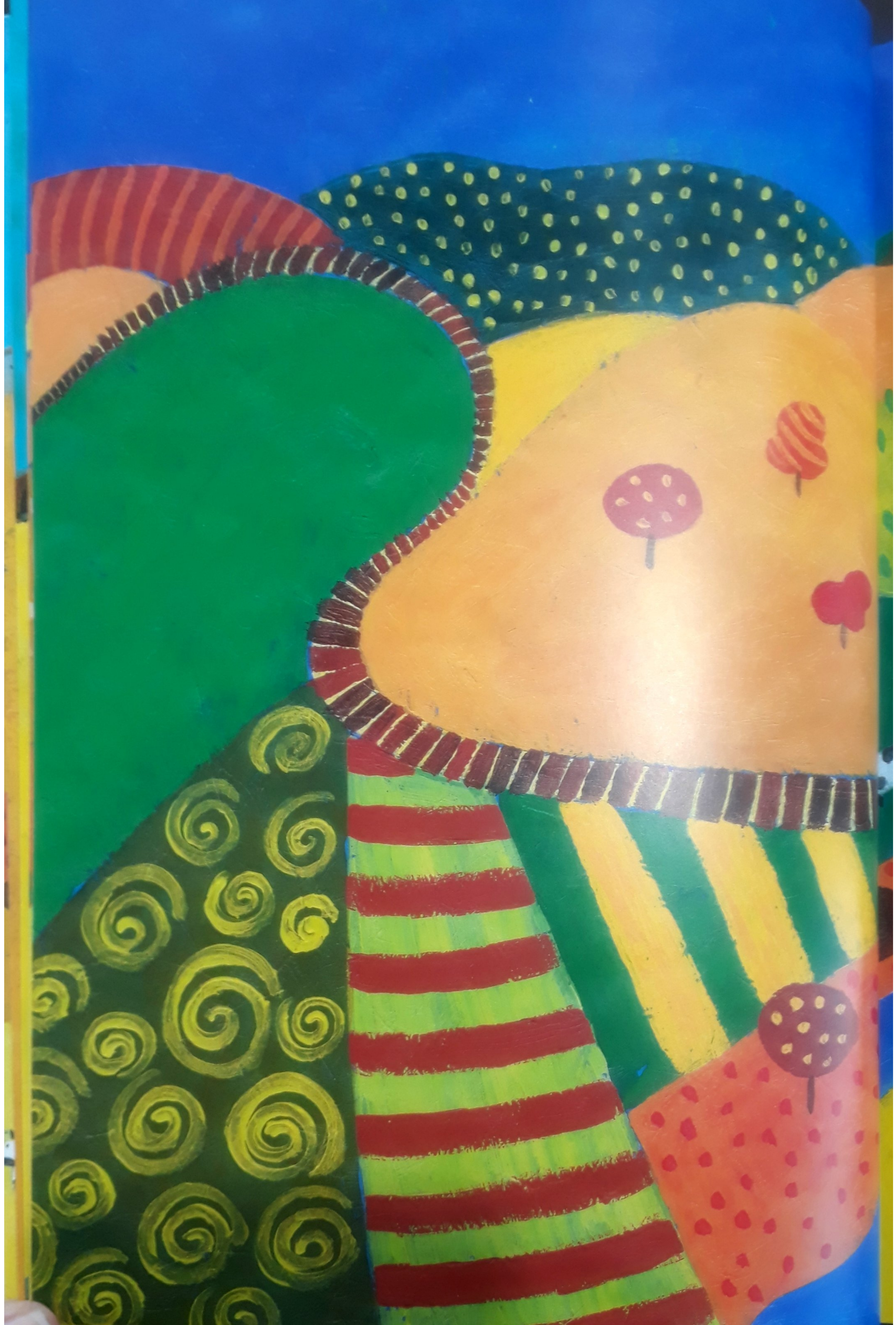
Mas ele não contava muito,
porque não andava sozinho.
Era só um vagão de carregar carvão.
E bem pequenininho.



Não tinha corrido mundo,
nem visto quase nada.
Mas era um bom vagãozinho,
e Maria Fumaça tratou de falar com ele
quando foi começar sua aventura:

– Você nasceu na cidade,
não quer me acompanhar numa viagem até lá?
– Que ideia mais maluca!
Você ficou lelé da cuca? Francamente,
onde já se viu essa de trem viajar sem gente?

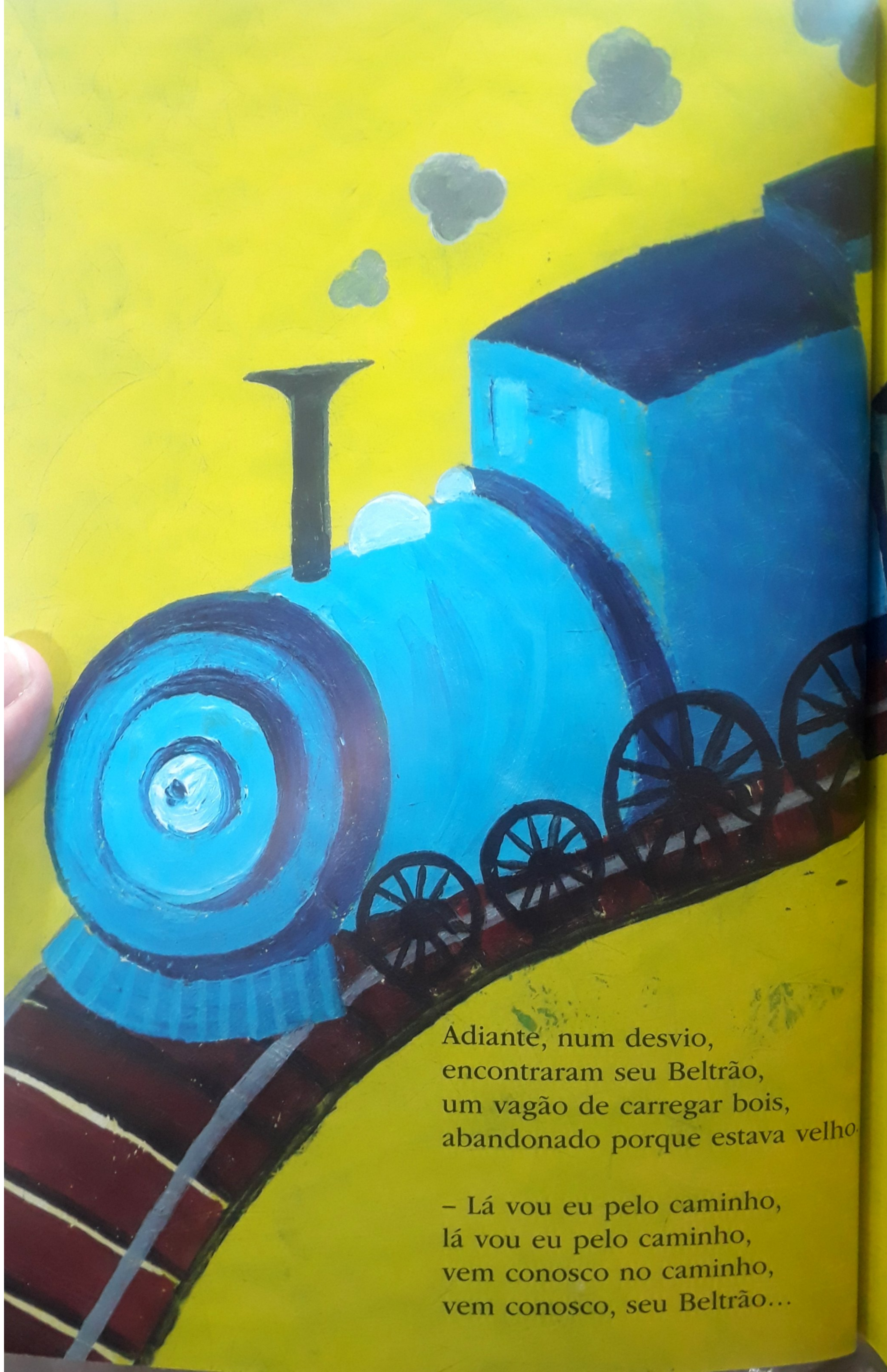






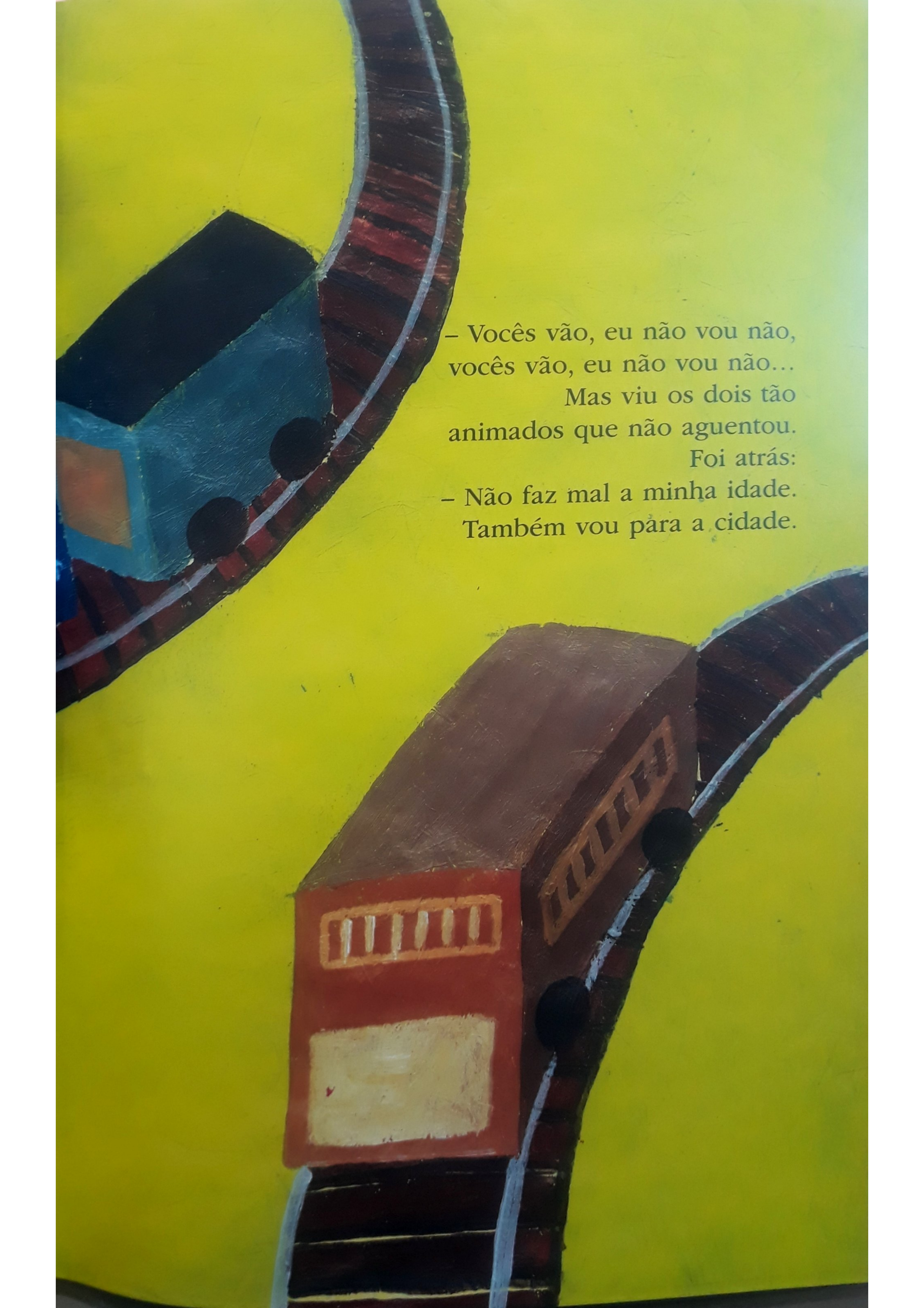
– Pois, então, fique.
Vou por vale, ou por serra,
lá vou eu pra sua terra.
Lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho...
Aí Zé Pretinho se animou e foi atrás:

– Vou por vale, vou por serra,
lá vou eu pra minha terra...
E lá se foram os dois na cantoria:
– Lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho, finiiiiiiinho...



Adiante, num desvio,
encontraram seu Beltrão,
um vagão de carregar bois,
abandonado porque estava velho.

– Lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho,
vem conosco no caminho,
vem conosco, seu Beltrão...



– Vocês vão, eu não vou não,
vocês vão, eu não vou não...

Mas viu os dois tão
animados que não aguentou.

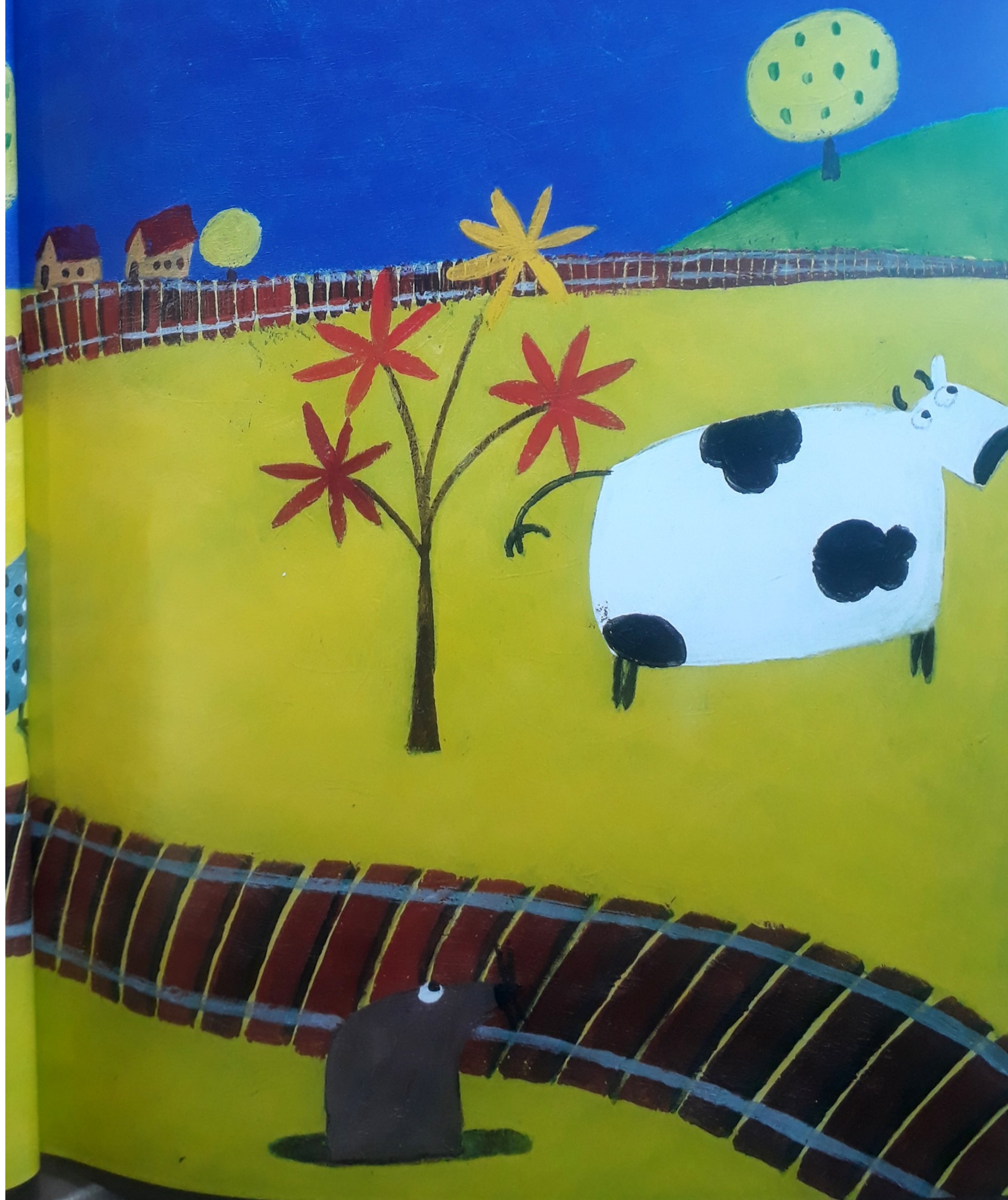
Foi atrás:

– Não faz mal a minha idade.
Também vou para a cidade.



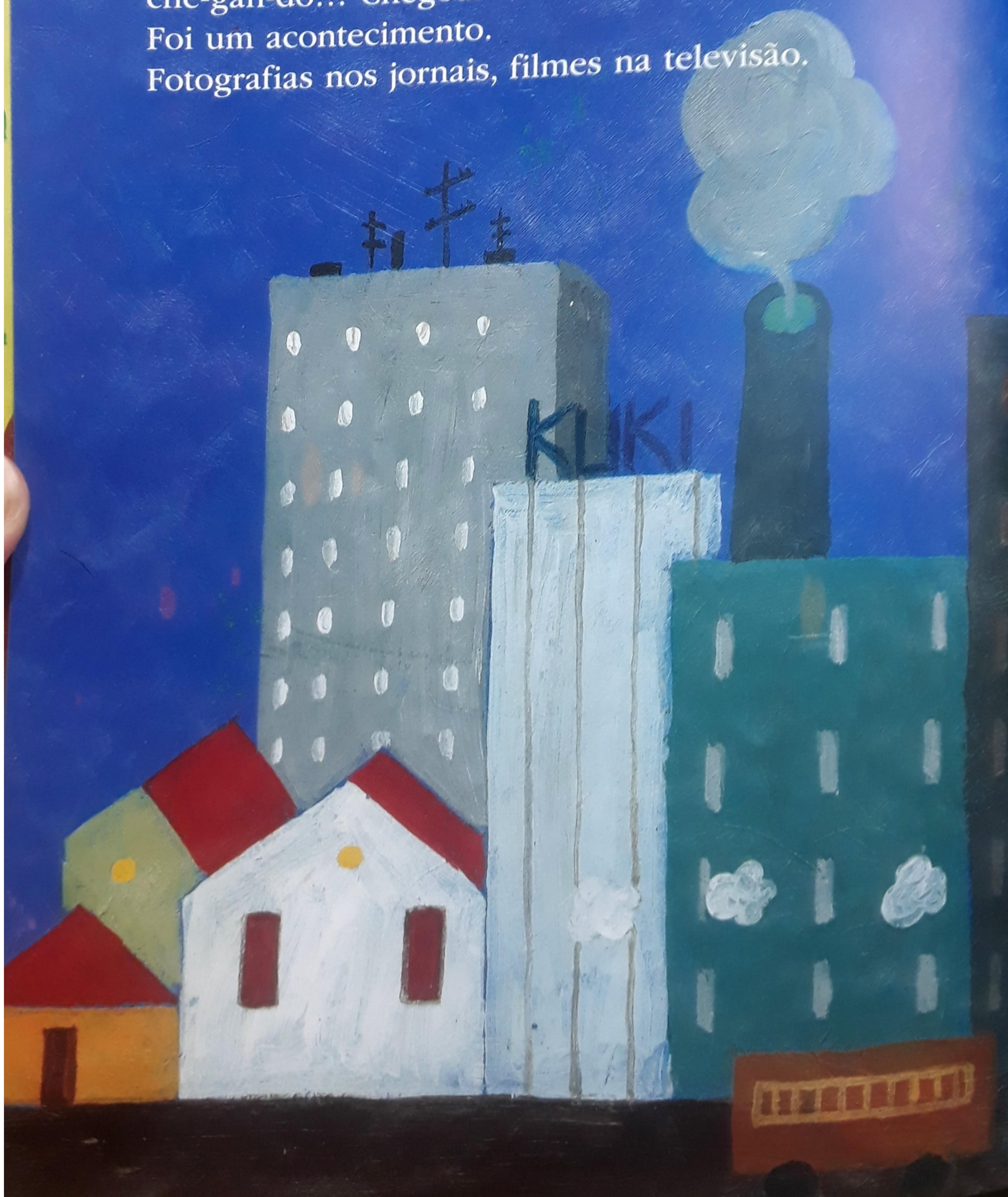
E a cantoria do trem
ganhou voz grossa também:
– Lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminhó, finiiiiiiinho...

Zé Pretinho se animava:
– Isso! Corre Maria Fumaça!
E vá vendo tudo que passa!
Passa monte, passa casa, passa ponte,
passa estrada, passa boi, passa boiada...



E começou a passar coisa diferente:
trem elétrico tão depressa!
ZUUUUUUUUUUUMMMMMMMMMMMMM!!!
Passou!

O tráfego foi aumentando.
Era a cidade chegando, chegando, chegando,
che-gan-do... Chegou.
Foi um acontecimento.
Fotografias nos jornais, filmes na televisão.





Todos vinham ver o trem, era a maior confusão.
Discussões na Prefeitura, na Câmara e no Ministério.
Todo mundo só falava na surpresa e no mistério:
– Como veio parar aqui este trem?

E o prefeito fez discurso:

– Isso agora não interessa. Temos que fazer
alguma coisa, e bem depressa.

Mandar de volta não adianta.

O melhor é fazer como
o bonde.

O trem virar brinquedo
no meio da praça.



- Um instante, por favor – disse Maria Fumaça.
Não queremos saber de praça. Brincar é bom,
mas ficar parado é coisa muito sem graça.
Nós queremos trabalhar, nos mexer, passear.
Será que ninguém dá um jeito?
Por favor, senhor prefeito...





E deram um jeito, afinal. Primeiro, uma reforma: mudança de rodas, pneus, pintura nova. Cores alegres, enfeites, bandeirolas para Maria Fumaça. Bancos e um toldo listrado para seu Beltrão e Zé Pretinho. E hoje, no jardim zoológico, quem prestar muita atenção, logo vê a solução.



É só ouvir atrás das vozes das crianças,
atrás dos gritos das aves, dos miados e rugidos,
dos roncos, urros, uivos e latidos,
a cantiga do trenzinho,
de Maria Fumaça, seu Beltrão e Zé Pretinho:
– Lá vou eu pelo caminho, lá vou eu pelo caminho,
lá vou eu pelo caminho, finiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiinho.





Com domínio preciso da linguagem verbal, Ana Maria constrói textos que discutem o poder, as diferenças culturais, a discriminação. E também os medos, as fraquezas e a força de cada ser humano. Tudo isso com humor, poesia e sensibilidade, que fascinam os jovens leitores.

As histórias desta coleção, dirigida a iniciantes da leitura, mostram como a imaginação se integra no dia a dia das crianças. A própria sombra, a areia da praia ou uma capa colorida abrem mundos de aventura.

ANA MARIA MACHADO é carioca, foi professora universitária e jornalista, tendo publicado mais de cem livros para crianças e jovens no Brasil, no Japão, na Noruega, em mais de vinte países.

Em 2000, recebeu o Prêmio Internacional Hans Christian Andersen, o mais importante na literatura universal para crianças. Em 2003, tornou-se “imortal”, sendo eleita para a Academia Brasileira de Letras.



Nascida em Santos-SP, **SUPPA** estudou arquitetura e foi para Paris.

Enquanto cursava a École d'Arts Appliqués Duperré, trabalhou como colorista das histórias em quadrinhos do Comandante Jacques Cousteau. E não parou mais de trabalhar. Ilustrou revistas, campanhas publicitárias e livros infantis.

Voltou ao Brasil depois de vinte anos, e não se arrependeu. Não só faz muitos trabalhos aqui, como continua os de lá.

“E pude resgatar muitas coisas do meu país, aquelas com que tanto me decepcionei um dia e me fizeram partir. É verdade que sinto falta de Paris. Uma vez em tantas, eu volto e respiro tudo o que ela fez por mim.”